

O AGIR CRIATIVO EM TERAPIA OCUPACIONAL: UMA REFLEXÃO FILOSÓFICA A PARTIR DOS PARADOXOS DA CONTEMPORANEIDADE.^{1 2}

SABRINA HELENA FERIGATO³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo problematizar a questão do fazer humano enquanto recurso de trabalho utilizado pelo terapeuta ocupacional, suas potencialidades e limitações. Para isto consideramos fundamental contextualizar este tema a partir dos paradigmas que emergem do projeto moderno da contemporaneidade e seus paradoxos. A partir desta relação, elaboramos uma reflexão entorno do paradigma da criatividade e do agir criativo como catalizadores aos processos de transformação que se operam na clínica do terapeuta ocupacional, tentando identificar facilitadores para essa transformação ser efetiva no processo terapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: criatividade, contemporaneidade e Terapia Ocupacional.

THE CREATIVE ACTION IN OCCUPATIONAL THERAPY: A PHILOSOPHICAL REFLECTION AS FROM THE PARADOXES OF CONTEMPORANEITY.

ABSTRACT

The object of this article is to debate the question of human actions as a tool used in occupational therapy, their potential and limitations. To achieve this we consider fundamental to contextualize this theme as from the paradigms that emerge from the modern project of contemporaneity and its paradoxes. As from this relationship we have reflected about the paradigms of creativity and creative action as catalysts of transformation processes which occur in the occupational therapist's clinic,

¹ Artigo recebido em 16 de janeiro de 2007. Aceito para publicação em novembro de 2006. Reenviado pelo autor em 25 de abril de 2008.

² Artigo de Revisão do Trabalho de Conclusão de Curso: "A Criatividade e os Processos criativos sob a perspectiva da Terapia Ocupacional" de autoria de Sabrina Helena Ferigato, na Faculdade de Terapia Ocupacional da PUC-Campinas, sob orientação de Maria Luíza Ballarin Simões Gazabin e Luiz Alberto Peluso.

³ Terapeuta Ocupacional (PUC-Campinas); Aprimoramento em Saúde Mental (UNICAMP) e Mestre em Filosofia Social (PUC-Campinas), terapeuta ocupacional do CAPS-Integração de Campinas. sabrinaferigato@gmail.com

trying to identify facilitators for this transformation to be effective in the therapeutic process.

KEY WORDS: creativity, contemporaneity and Occupational Therapy.

Este artigo é resultado de uma antiga reflexão que venho realizando a respeito do principal objeto de estudo da Terapia Ocupacional: o fazer humano. No entanto considero importante salientar que o que pretendemos discutir é primeiramente o fazer humano criativo⁴ como produto não da Terapia Ocupacional, mas da espécie humana contextualizada na sociedade contemporânea. Ou seja, minhas reflexões me conduziram inicialmente à complexidade histórica e social do agir criativo humano para posteriormente poder pensar este fenômeno enquanto recurso terapêutico.

Foi pensando nisto que procurei resgatar alguns aspectos sobre o agir criativo e os paradigmas da sociedade contemporânea, uma sociedade repleta de paradoxos e contradições.

Desta maneira, terapeutas ocupacionais, usuários de nossos serviços e toda a sociedade ocidental encontra-se na chamada era contemporânea, que atualmente vive um processo de globalização, revolução científica e tecnológica, guerras constantes, predomínio de um capitalismo cuja lógica é o imediatismo e o consumismo, ao mesmo tempo em que contraditoriamente, presencia o crescimento das propostas de humanização no tratamento à saúde, conscientização ecológica, luta pela paz e pela conquista dos direitos humanos.

Ao viver na contemporaneidade, o homem é colocado diante de múltiplas funções que deve exercer, bombardeado o tempo todo com informações

contraditórias, numa aceleração crescente que quase ultrapassa o ritmo orgânico de sua vida, de modo que em vez de se integrar como ser individual e social sofre um processo de desintegração constante, num sistema de massificação de hábitos e pensamentos, onde vemos resultar um condicionamento dos indivíduos, esmagador para seu real potencial criativo (OSTROWER, 1987, p. 6).

Assim, de acordo com Ostrower pensar na humanidade como ‘massa’, algo passivo de ser moldado por pressões e condicionamentos ‘massificantes’, desrespeita potencialidades especificamente humanas, o que pode acarretar para os seres humanos, um viver alienado, não significativo e muito menos, criativo.

Por isso, a atual padronização de hábitos e pensamentos, de vestuário, alimentação e até mesmo de idéias, não é apenas efeito da globalização mundial, mas resultado de um processo que vem retirando o direito do ser humano de criar, ou criar para vender, e ainda, não criar, para consumir o que foi criado por muitas pessoas, e por outro lado, estas pessoas não se identificam em sua criação, pois na maioria das vezes, sua participação, foi apenas em uma peça do produto ou etapa do “processo criativo”.

Esta estratificação, no entanto, não é algo exclusivo dos processos de criação. Com o desenvolvimento do pensamento positivista⁵, estratificou-se também, o saber, a saúde e o próprio ser humano. Tentando explicitar

⁴ Utilizo ao longo do texto o termo fazer criativo ou agir criativo por entender que este processo quando resultante da Terapia Ocupacional deve ser essencialmente instituído como potencializador da criatividade humana e não como mero exercício ou produção alienada.

⁵ O positivismo, em resumo, caracteriza-se pela “valorização de um método empirista e quantitativo, pela defesa da experiência sensível como fonte principal do conhecimento, pela hostilidade em relação ao idealismo e pela consideração das ciências empírico-formais como paradigmas de cientificidade e modelos para as demais ciências” (JAPIASSU & MARCONDES, 1996, p.2177) - (VI). Ou seja, é dado valor ao empirismo, a experimentação e a comprovação daquilo que é experimentado.

este movimento, Morin (2002), formula a teoria de que o “*grande paradigma do Ocidente*” separa o sujeito e o objeto, a alma e o corpo, o sentimento e a razão, a liberdade e o determinismo. Este paradigma prescreve a relação lógica da disjunção.

Segundo o mesmo autor, ao determinismo de paradigmas e modelos explicativos associa-se o determinismo de convicções e crenças, que, quando reinam em uma sociedade, impõe a todos a força imperativa do dogma, as verdades estabelecidas, os tabus e ideologias dominantes, que suscitam estereótipos cognitivos, crenças não contestadas, conformismos e o medo inibidor da criatividade nos outros. Desta forma, “... *as sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e idéias, que por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos*” (MORIN, 2002, p. 29), mas os indivíduos poderiam, por exemplo, através de seu fazer criativo, serem passíveis de resistência à essa domesticação e ao mesmo tempo, transformar a sociedade que os controla.

Paralelamente, no presente contexto cultural, Kneller (1987) nos mostra que a descoberta da novidade passou a ser uma preocupação central, obsessiva até. É o novo, o inédito que se procura, e não o bem da humanidade para a satisfação de uma necessidade real, mas o ‘novo pelo novo’. A capacidade criadora do ser humano, tão importante para o desenvolvimento da humanidade, passou a ser, em muitas circunstâncias, algo comercializado. Neste momento, há, para nosso entendimento, uma distorção do que vem de fato a ser a criatividade humana, como se ela exigisse uma gama de características e comportamentos indicados para ser alcançada. Surge daí, manuais sobre como agir criativamente, como ser criativo no trabalho, nos relacionamentos etc, que tentam estranhamente, devolver para o ser humano aquilo que em algum momento lhe foi retirado, apropriar o ser humano, daquilo que lhe é inerente.

Por não acreditarmos que a criatividade possa ter sido retirada do ser humano, poderíamos buscar a transformação, de situações ou fatores que, de certa forma, deixaram esse potencial sufocado, ou latente em algumas pessoas, retirando a carga desta responsabilidade do indivíduo para o sujeito que vive em uma sociedade, em um país, num determinado momento histórico, no planeta Terra.

Este trabalho pode desta forma, ser um ponto de partida para a discussão da construção de um contexto não desagregador para o sujeito, um contexto de convivência, onde, haja espaço para o criar livre e intencional.

A idéia é o homem, como ser criativo, visto com suas potencialidades, em sua capacidade de vivenciar a vida em suas atividades e no próprio prazer de viver, numa forma de compreensão da plenitude da realização humana (OSTROWER, 1987, p. 146).

A TERAPIA OCUPACIONAL E O FAZER CRIATIVO HUMANO

Acreditamos que a Terapia Ocupacional pode funcionar como uma das estratégias para a construção de contextos não desagregadores para o indivíduo como citamos anteriormente; mas, somente após ter realizado a discussão a respeito do contexto contemporâneo em que nós vivemos é que podemos retomar o papel de nossa profissão em meio a estes paradigmas de forma mais crítica e consciente.

A realização desta discussão facilita inclusive o entendimento da dificuldade encontrada em explicar o papel do terapeuta ocupacional nas equipes de saúde ou entender por que muitas vezes, o próprio profissional se mostra descrente do potencial de seu instrumento de trabalho. O núcleo de trabalho do terapeuta ocupacional – o fazer criativo humano, praticamente não encontra espaço para manifestação dentro da lógica contemporânea de funcionamento.

Os seres humanos - pacientes ou não, terapeutas ou

não - estão na maioria das vezes, desprovidos de seu fazer criativo como verificamos anteriormente. Quando introduzimos uma atividade no decorrer do tratamento, precisamos apresentá-la ao usuário como algo novo, de forma cuidadosa, porém, com a convicção de que o potencial em realizá-la está intrínseco a ele. Desta maneira, temos a possibilidade de facilitar que o potencial criativo deste usuário, saia de seu estado de latência e se torne manifesto⁶. Parece-me que aqui está implícita a idéia de que assim como o psicólogo precisa se submeter ao processo de análise psicoterápica para poder atuar profissionalmente, o terapeuta ocupacional também precisaria aprimorar seu fazer criativo que foi sendo despotencializado pelos paradigmas de seu contexto social, econômico e cultural, para poder cuidar de outras pessoas em situação de fragilidade ainda maior (ou pelo menos em situações mais estigmatizantes).

Estou tentando dizer que nós, terapeutas ocupacionais, temos a difícil e importante tarefa de tratar seres humanos através de um objeto de intervenção desacreditado, despotencializado e em estado de latência – o agir criativo, no entanto, fundamental para a reorganização não apenas do indivíduo, mas também das sociedades humanas em sua complexidade.

O diferencial que este fazer criativo adquire no processo de Terapia Ocupacional muitas vezes não parece claro para a maioria das pessoas, pelo menos àquelas que nunca participaram efetivamente deste processo em nenhuma situação de suas vidas.

No meu ponto de vista, este diferencial não está no potencial transformador da atividade terapêutica, isto porque, qualquer atividade criativa humana é essencialmente transformadora, adotada enquanto terapia ou não, o que implica o entendimento de que o

potencial transformador está no fazer criativo humano e não no terapeuta ou na terapia.

Por exemplo: dançar como membro de um grupo de Terapia Ocupacional que utiliza esta atividade como recurso ou dançar em uma aula de flamenco: ao término de ambas as situações, nos percebemos diferentes do estado em que nos encontrávamos antes de realizá-las. O elemento transformador está na dança realizada pelo dançarino e não no professor ou no terapeuta, embora ambos possam apresentar facilitadores para esta transformação, cada qual com seu olhar e forma de intervenção.

Desta maneira, o diferencial que o agir criativo adquire no processo terapêutico ocupacional é seu funcionamento enquanto instrumento catalisador aos processos de mudança (ou de transformação) – mudança da realidade dos usuários que por questões de ordens diversas, não estão possibilitados a realizar estas transformações de forma autônoma.

Estas pessoas necessitam assim, da figura de outro alguém – no caso o terapeuta – para auxiliá-las a “*identificar, construir, reconstruir ou ressignificar as ocupações cotidianas responsáveis por seu bem estar e desenvolvimento*” (CIASCA, 2001, p.81). Seria este, a meu ver, o diferencial do agir criativo humano usado como forma de tratamento de pessoas que se encontram em estado de sofrimento.

Desta forma, “*(...) o processo terapêutico tem por princípio ser o lugar onde, por meio do fazer, o paciente possa reconhecer-se como sujeito que cria, atua, reconhece, organiza e gerencia seu cotidiano concreto*” (FRANCISCO, 2001, p.66).

Na terapia ocupacional, a ressignificação do cotidiano,

⁶ Neste momento utilizo termos instituídos por Freud em *A Interpretação dos sonhos*, quando o mesmo se referia ao conteúdo latente dos sonhos como sendo aqueles que se encontram no inconsciente do sonhador e conteúdo manifesto do sonho como sendo aquele que temos registrado em nossa memória ao acordar. No entanto, não pretendemos fazer aqui nenhum tipo de referência à Psicanálise ou às elaborações oníricas de Freud, mas apenas o aproveitarmos arbitrariamente os termos que considero adequados à idéia que pretendi expressar.

a mobilização de aspectos intrínsecos e extrínsecos ao sujeito a serem trabalhados, para a transformação das situações causadoras de sofrimento, pode se dar, entre outras formas, de duas maneiras:

Uma dessas maneiras trata-se da realização concreta, junto com o paciente das atividades ocupacionais em que ele encontra limitações, descobrindo possibilidades de superação ou criação de alternativas a esses limites. Por exemplo, através da adaptação ergonômica do espaço físico e dos instrumentais da vida diária, do acompanhamento em atividades de trabalho, lazer e auto-manutenção.

Outra forma de abordagem consiste no uso de atividades expressivas como recurso terapêutico em *setting* protegido, ou seja, a utilização de materiais das mais diferentes origens para diversificados processos de criação. Isso pode se dar em atendimentos individuais ou grupais (grupos de terapia ocupacional, ateliês, oficinas...), incluindo também atividades de expressão corporal.

No entanto, para se constituir como processo criativo, é importante trabalharmos com o conceito de atividade terapêutica não para “ocupar” (no sentido comum do termo) pacientes ociosos ou para realização de exercícios repetitivos, mas sim enquanto práxis, ou seja, uma atividade, que transformando matérias, objetiva-se materialmente, de acordo com finalidades, desenvolve-se numa relação indissolúvel entre teoria e prática, subjetivo e objetivo, individual e social, e ocorre num determinado contexto histórico, com vistas à criação e a transformação da realidade humana (FERIOTTI, 2003, p.90 apud VAZQUEZ, 1977)

Em outras palavras, a atividade, como a entendemos, é uma interação entre o sujeito e seu mundo (interno e externo); é uma ação que possui intencionalidade, na qual se aplica uma energia que provoca a transformação de um determinado contexto.

De acordo com Ostrower (1987), ao criar, ao receber sugestões da matéria que está sendo ordenada na realização de uma atividade, o indivíduo se vê diante de encruzilhadas. Estas encruzilhadas podem transpor certas possibilidades latentes para o real. A todo instante o indivíduo terá que se perguntar: sim, não; sigo, paro... Questões estas que pedem soluções, estes fatos reais permitem optar e decidir, a criação exige assim que o indivíduo atue, e esta atuação constituirá parte do processo terapêutico.

A utilização da atividade neste processo promove fatos, e é por tanto mais efetiva do que o discurso. O fato ocorre ou não ocorre, e quando ocorre é concreto, não pode ser negado ou ignorado. A atividade humana tem uma dinâmica própria, oferece sensações, dificuldades, solicita resoluções, estimula e provoca novas sensações e reflexões. A atividade carrega consigo a potencialidade da transformação (FERIOTTI, 2003, p.90)

Compreendemos que todos os processos de criação representam, na origem, tentativas de estruturação, de experimentação e controle; processos produtivos onde o homem se descobre, onde ele próprio se articula à medida que passa a se identificar com a matéria. Constituem-se de acordo com Ostrower, (1987) como transferências simbólicas do homem à materialidade das coisas e que novamente são transferidas para si. Ou seja, transformando a matéria, o homem transforma a si mesmo. Desta forma, o que se estabelece no decorrer da realização de atividades em Terapia Ocupacional é um campo de experimentação.

No processo terapêutico ocupacional, “*as atividades possibilitam, que cada sujeito seja reconhecido e se reconheça por outros fazeres*” (CASTRO, LIMA e BRUNELLO, 2001, p.49). Elas permitem conhecer a história de vida de cada sujeito, na qual se descobrem interesses, habilidades, necessidades e potencialidades.

Assim, para as autoras, na atenção em Terapia Ocupacional, é possível promover pela ação e pelo fazer, “a retomada de uma unidade interna através da reunião de fragmentos que a época da especialização, do mecanicismo e do isolamento nos impõe” (CASTRO, LIMA e BRUNELLO, 2001, p.49).

No entanto, este instrumento terapêutico, pode ter seus efeitos potencializados ou despotencializados de acordo com a conduta do terapeuta no processo terapêutico. Seu papel não deve restringir-se a oferecer a atividade ao paciente e ao mesmo tempo, também não é seu papel determinar o produto da atividade. O terapeuta ocupacional deve funcionar como um articulador entre o paciente e sua atividade, assim como um articulador entre este processo e a vida do indivíduo.

Não se trata de construir modelos, receitas, bulas, indicações de atividades, mas de construir com cada paciente uma trajetória singular, um projeto de vida, uma forma de sair das malhas aprisionantes de uma vida relegada a espaços muito restritos e estreitos. Trata-se de ampliar a vida, buscar a partir da atividade interlocuções, conexões, favorecer encontros, possibilitar trânsitos novos, empreender um conjunto de ações que se tornarão uma nova “ponte” de interação do sujeito com a época e o local no qual vive, configurando assim, uma nova entrada social (CASTRO, LIMA e BRUNELLO, 2001, p.57).

Ou seja, estamos nos referindo à uma conduta terapêutica não diretiva, através da qual, o curso, não apenas da atividade, mas de todo tratamento é estabelecido juntamente com o paciente, sendo que este curso, não deve se restringir as paredes do setor de Terapia Ocupacional, mas deve ser transportado para seu cotidiano familiar, de trabalho, lazer, etc.

Um exemplo simples de uma conduta terapêutica não diretiva que mobilizaria o fluir do potencial criativo do paciente, é a livre escolha da atividade a ser realizada.

Quando o terapeuta ocupacional determina a atividade e delimita seus caminhos ou define seus resultados, por maiores que sejam os ganhos alcançados com essa experiência, este fazer passa a exprimir em primeiro lugar as expectativas do terapeuta para o tratamento, e não do paciente, que é quem, de fato deve se beneficiar com este processo.

Além disso, quando o paciente tem a possibilidade de escolha, ele a realiza baseado na identificação com certa materialidade, embute a ela uma intenção e motivação, para, a partir daí construir algo que lhe faça sentido. A livre escolha possibilita assim, que o paciente seja coerente consigo mesmo.

É imprescindível também ao terapeuta garantir a valorização não apenas do processo da atividade, mas também de seu produto. A garantia de que a atividade realizada tenha um destino definido é importante para a concretização de seu potencial terapêutico. Seja o destino deste produto um articulador entre o sujeito e o coletivo (através de feiras, exposições, geração de renda...) ou apenas para uso pessoal e individual, esse destino deve ser realizado pelo usuário, o que reforça os processos de identificação e responsabilização entre criador e criação.

Para finalizar, entendemos que é importante pensarmos no estímulo ao potencial criativo que o *setting terapêutico* pode produzir ou não.

O *setting* terapêutico é basicamente o ambiente onde se dará a terapia ocupacional, incluindo as características do local, odores, cores, a posição dos móveis e materiais, os sons nele reproduzidos etc.

Para nós, está claro que as condições para o fluir da criatividade possuem grandes interferências do ambiente no qual se dá a criação. Seria diferente o processo criativo que se desse num ambiente escuro, abafado, com materiais restritos, cuja disposição do mobiliário proporcionasse posições inadequadas para o criador;

ao invés de um ambiente acolhedor, iluminado, arejado, confortável, com materiais dispostos organizadamente etc.

Segundo Benetton (1994) o espaço onde ocorre a Terapia Ocupacional, precisa atingir seu propósito, é necessário que o ambiente permita o aprendizado e novas aquisições que buscam o sustento das emoções, além dos equipamentos e materiais. Ou seja, este ambiente deve ser um espaço acolhedor não apenas às materialidades do setor, mas também às subjetividades que brotarão dos processos criativos que ali irão ocorrer.

Porém, segundo Benetton (1994), ao mesmo tempo em que este deve ser um lugar para criar e construir precisa também comportar o destruir. Neste sentido, não nos referimos apenas a desconstrução de atividades ou do ambiente terapêutico, mas também e principalmente à partida do paciente. Ou seja, é importante que para ele, fique claro que este é um espaço de passagem, de onde ele poderá levar muitas coisas, mas não deverá cronificar-se ali. Um espaço onde há uma abertura para que seus ganhos neste ambiente sejam transportados para sua vida.

Sabemos, porém, que a construção de um *setting* como este, não dependerá apenas da boa intenção do terapeuta ocupacional em garantir que tudo isso de fato ocorra. Entendemos que este *setting* terapêutico será determinado basicamente por três fatores principais: as necessidades da clientela assistida, os recursos disponíveis na instituição e as características pessoais e profissionais do terapeuta ocupacional.

Assim, tentamos através de palavras, ou através do processo de criação de um texto, expor a complexidade que envolve a atividade humana enquanto processo criativo e como instrumento de produção de saúde e de subjetividades por meio da terapia ocupacional. Nos deparamos com alguns instrumentos que podem auxiliar a terapeutas e usuários e conseguirem escapar ou

vivenciar momentos de fuga na qual a lógica disciplinar e controladora da contemporaneidade os captura.

BIBLIOGRAFIA

- BENETTON, M. J. *A Terapia Ocupacional como instrumento nas ações de saúde mental*. 1994. 190 p. (Tese de doutorado em Saúde Mental). UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
- CIASCA, R. Aspectos Lúdicos da Integração Social. *Arquivos de Neuropsiquiatria*. v.59, p 81 – 83: Jornal Oficial da Academia Brasileira de Neurologia, 2001.
- CASTRO, E.; LIMA, E.; BRUNELLO, M. I. Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. P. 41-59. in DE CARLO, M.R. Prado e BARTALOTTI, Celina Camargo.(orgs). *Terapia Ocupacional no Brasil – Fundamentos e Perspectivas*. São Paulo: Plexus, 2001.
- FERIOTTI, M.L. As atividades como instrumento de transformação das relações institucionais: Uma experiência no interior da instituição psiquiátrica. in PÁDUA, Elizabeth M. Marchesini e MAGALHÃES, Lílian Vieira. *Terapia Ocupacional: Teoria e Prática*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FRANCISCO, B. *Terapia Ocupacional*. 2ª ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2001.
- JAPIASSU, H. e MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KNELLER, G. *Arte e Ciência da Criatividade*. trad. de José Reis. 9ª ed. São Paulo: IBRASA, 1987.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. trad. de Catarina Eleonora F.da Silva e Jeanne Sawaya 6ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.
- OSTROWER, F. *Criatividade e Processos de Criação*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

